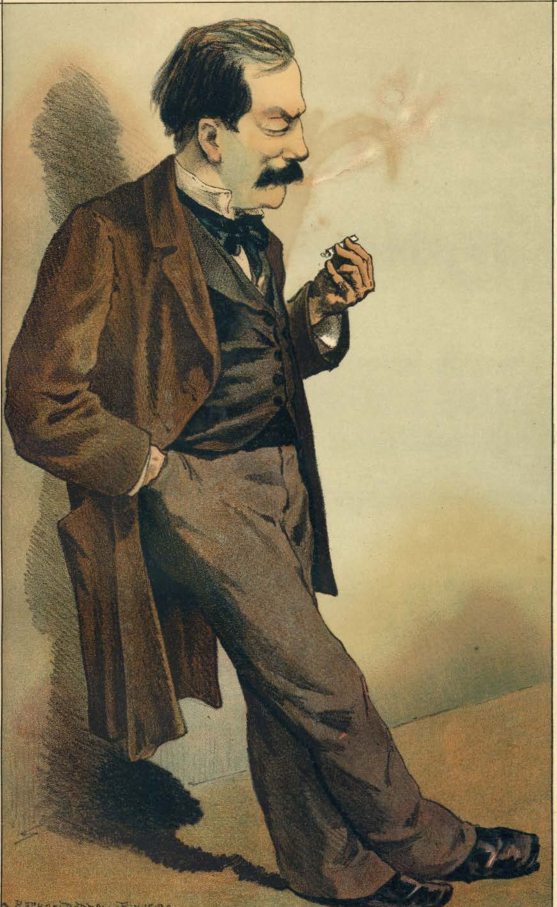


Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

«ALBARDA E CARTA»

MARIANNO CYRILLO DE CARVALHO

Foi a *Gazeta de Portugal* que o poz em evidencia no artigo de fundo como pozera Eça de Queiroz no folhetim. Um caminhou para as regiões luminozas da Arte, o outro para os subterraneos viscozos da Politica d'onde resultou o romancista produzir o *Primo Bazilio* e o *Crime do Padre Amaro*, e o jornalista gerar as duas frases já agora celebres na *Praça da Figueira* aonde no ultimo quartel d'este seculo se regateiam os destinos da sociedade portugueza: — *Quartel general em Abrantes tudo como d'antes: Albarda real senhor!*

O publicista de quem o *Album das Glorias*, com a izempção que o caracteriza, dá hoje o perfil, sem preocupações de lhe corrigir a belleza plastica nem de lhe dar toques poeticos no aspecto moral, foi bafejado no berço pela velha muza que ha já quarenta annos embalara no colo o ventre predestinado do vehemente pamphletario Antonio Rodrigues Sampaio.

Esta muza que de lenço na cabeça, tamancos e manga arregaçada, inspira ainda de tempos a tempos, as vigilias da *Revolução de Setembro*, é a que pendida ao hombro do polemista Marianno lhe segreda ao ouvido os vagos pensamentos que elle, do remanso da redacção, transmitte aos poderes publicos atemorizados, — *Ai mana que susto!*

Se como polemista vigorozo o sr. Marianno de Carvalho é temido pelos seus contrarios, como thermometro por onde no paiz se mede a instabilidade da opinião é dos mais dignos de ser consultado. É uma gloria triumphante e um precito amaldiçoado — aos semestres. Lisboa e as provincias metade do anno atiram-lhe rozas, na outra metade atiram-lhe pedras.

N'este momento em que o *Album das Glorias* lhe presta a homenagem d'um perfil colorido está elle um quasi nada em desgraça; mas ámanhã, quando os seus adversarios, em virtude das exigencias do thesouro faminto, se dirigirem á hydra popular a pedir-lhe o resto da pelle, e a hydra lhes arreganhar o resto dos dentes, o sol da popularidade começará de novo a reluzir para aquelle que das profundezas do Largo de S. Roque não deixará de soltar este commentario impregnado de gaiata philosophia: — *O paiz quer albarda? Desse lhe albarda.*

No meio das pouco ensaboadas luctas politicas em que as forças vivas do paiz se teem consumido nos ultimos annos — á porta da Havaneza, o sr. Marianno de Carvalho tem mais d'uma vez sido accuzado pelos seus contrarios, entre outros maleficios, de pretender cingir na fronte a mitra do patriarcha de Lisboa, d'attentar contra a integridade da patria e de ir de noite, vestido de vampiro, ao Paço da Ajuda sugar o sangue innocente das *loiras creanças* penhores das instituições; entretanto o que é certo é que os seus adversarios vão sahindo á formiga, generaes de divizão, cabos de segurança, arcebispos de Mytilene e olheiros da penitenciaria, em quanto elle continua a cingir na macerada fronte o chapeu ensebado de *poder occulto* sem verba designada no orçamento.

Tendo assistido aos ultimos arrancos de dois mil ministros devorados pelas paludozas d'um constitucionalismo reprezado, tem recolhido os suspiros de todos elles, sem lhes recolher um decreto. Amortalha-os em fardas bordadas e continua a andar com a manga no fio.

Temperamento pouco burocratico, possue como jornalista um estylo nervoso vazado em formas pouco litterarias. As suas frases entram até ao fim no ventre dos adversarios, como navalhas. Servem indistinctamente para agitar a provincia ou para serem cantadas á viola.

Aos segredos insondaveis d'este estylo junta ainda, como professor de mathematicas puras, a faculdade de bater os ministros da fazenda na especialidade em que elles d'ordinario são menos especialistas: — isto é, nas quatro especies.

Repare-lhe o leitor na effigie e veja como elle se dispõe a entreter os seus ocios de jornalista entre duas baforadas de fumo!...

É um bom cigarro *brejeiro* que elle enrola entre os dedos. Um cigarro e ao mesmo tempo um symbolo. Até no nome se parece com o mundo politico portuguez!

João Rialto.